

90, @ GLOBO 8 JAN 1992 a década que deu certo

ALCIDES S. AMARAL

Quando de sua última visita aos Estados Unidos, o presidente Ménem foi recebido com honras de estadista "por recuperar, pará a Argentina, o papel de liderança na América Latina". Essa notícia, estampada nas páginas dos jornais, nos trouxe um misto de alegria e tristeza.

De alegria por verificarmos que os amigos do Sul do continente estão conseguindo, depois de muitos anos de desilusões, "tirar o pé do atoleiro" e reorganizar sua enfraquecida economia. De alegria, também, por verificarmos que a América Latina está de volta ao noticiário internacional, agora de maneira positiva, significado de oportunidade. A segunda metade da década de 80 foi madrasta para nosso continente, pois, como consequência dos problemas oriundos do elevado endividamento externo, a América Latina acabou sinnônimo de retrocesso e mal de cura duvidosa perante os olhos do mundo desenvolvido.

De tristeza, muita tristeza, por verificarmos que o nosso país, símbolo de desenvolvimento e liderança incontestada 20 anos atrás, está correndo o risco de perder o trem da História. Do olhar de certo desrespeito para com o que acontecia com os demais países do continente para, hoje, uma inegável ponta de inveja pelos progressos que vêm

sendo alcançados por Chile, Bolívia, Uruguai, Venezuela e pela própria Argentina. Sem falarmos dos irmãos mexicanos, o mais belo exemplo de um país que fez o que tinha que ser feito pará candidatar-se a uma vaga no mundo desenvolvido.

Essa constatação, nua e crua, faz com que os brasileiros de brio, aqueles que não admitem assistir passivamente esse campeonato de derrotas, ainda confiem na virada. Que pode demorar, mas que há de vir.

É certo que o Brasil é mais complexo econômica, política e socialmente. Somos um país de quase 150 milhões de almas, de dimensões continentais e com problemas de toda ordem. Estamos dando os primeiros passos no regime democrático e, como toda criança que comeca a andar, os tombos são inevitáveis.

O que nos incomoda, entretanto, é essa aparente necessidade de termos que reinventar a roda, de cometer os nossos próprios erros. A máxima de que ninguém aprende com a experiência dos outros está sendo provada, dia após dia.

Estaria, então, tudo perdido? Certamente que não. Na medida em que nossos problemas são maiores e mais complexos, nossa capacidade pará chegar junto na reta de chegada não deve ser desprezada. Basta que tomemos consciência de que ou nos unimos para superar os problemas que nos afligem ou, simplesmente, não vai dar.

Não há, pois, outra alternativa.

Embora os termos entendimento, acordo, pacto etc. estejam desgastados pelo mau uso, é esse o único caminho. É o espírito de team work na cultura bancária ou "uma andorinha só não faz verão" do ditado popular.

No momento em que algumas das nossas lideranças — o presidente Collor sozinho não irá a lugar nenhum — assumirem esse papel, de criar essa frente, as adesões acontecerão inevitavelmente. Pois a vontade de ver um Brasil mais forte, sorrindo de novo, está estampada na fisionomia de todos aqueles que aqui vivem. Estamos cansados dos males da inflação, da insegurança, do "arrastão", da desesperança.

Mãos à obra, portanto, senhores governantes, políticos, empresários, líderes sindicais. O jogo está no fim, mas ainda não terminou. Temos força para reagir. Queremos esquecer a década de 80, irremediavelmente perdida. Não queremos igualmente um novo "milagre brasileiro", como foi a década de 70. Queremos, isto sim, uma década de austeridade, maturidade, respeito, justiça social.

Queremos a década que o Brasil deu certo.

Alcides S. Amaral é membro do Conselho Diretor da Febraban, diretor da Andima e vice-presidente da Associação Brasileira de Bancos Internacionais.